

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
À PALA DE CAMÕES  
9 e 14 de Junho de 2025

## MIRAMAR / 1997

*um filme de* JÚLIO BRESSANE

Realização e Argumento: Júlio Bressane / Fotografia: José Tadeu Ribeiro / Montagem: Virgínia Flores / Som: Toninho Murici / Música: Lívio Tragtenberg / Direcção Artística: Rosa Dias / Guarda-Roupa: Maria Aparecida Gavaldão / Interpretação: João Rebello, Giulia Gam, Diogo Vilela, Louise Cardoso, Bia Nunes, Fernanda Torres, Cláudio Mamberti, Paschoal Villaboim, Angela Rebello, Freddy Ribeiro, Carolina Sá, Noa Bressane, Bruno Sobral, Maria Clara Abreu, Marcos Ribeiro, Tatiana Verano, José Marinho.

Produção: Júlio Bressane para RioFilme / Direcção de Produção: Marta Braga, Rodrigo Castela / Cópia: em ficheiro, cor, legendada electronicamente em português / Duração: 82 minutos / Estreia Mundial: 7º Céu Leblon, Rio de Janeiro / Primeira Exibição em Portugal: 26 de Fevereiro de 1999, Fantasporto / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 13 de Maio de 2011, Ciclo “A Cinemateca com o Indielisboa: Júlio Bressane”.

AVISO: A cópia a projectar apresenta problemas, mas mostramo-la por ser a única forma de podermos exhibir o filme, dado que não nos foi disponibilizada outra. Pelo facto, as nossas desculpas.

---

**Miramar** é uma obra com um fundo autobiográfico que, tendo sido realizada por Júlio Bressane já na década de 90, nos reconduz aos seus primeiros trabalhos. O filme aborda a “viagem iniciática” do jovem Miramar na sua descoberta do cinema, percurso que será determinado por duas grandes circunstâncias: o suicídio dos seus pais que, como constatamos no início do filme, o educaram para ser artista; e a oferta de uma câmara de filmar. Ao descrever de forma elíptica a evolução do jovem cineasta, Bressane espelha inevitavelmente o seu próprio percurso. Foi-lhe oferecida uma câmara com apenas doze anos, com a qual começou imediatamente a filmar, e a sua vida e as suas descobertas são indissociáveis do encontro com o cinema e de uma filmografia com mais de quarenta títulos. Muitas das referências que convoca para a personagem de Miramar são obviamente as suas próprias referências, pelo que é também neste sentido que poderemos dizer que **Miramar** é uma obra autobiográfica. Por outro lado, se as trágicas circunstâncias que rodeiam o suicídio dos progenitores de Miramar são alheias à história pessoal do cineasta, essa morte não deixa de possuir toda uma carga metafórica. A morte (e em particular a morte da figura da família) é aliás um elemento que atravessa muitos dos seus filmes, estando particularmente patente num título como **Matou a Família e Foi ao Cinema** e, depois de ver **Miramar**, não podemos deixar de a encarar como uma metáfora da necessidade de um vazio inicial como condição essencial para todo o acto de criação.

Como o nome da personagem principal sugere, o mar – as ondas, os compartimentos e terraços com vista para o oceano, as praias, as estradas e bares junto ao areal – está onnipresente em **Miramar** e é também um dos seus protagonistas. E, como acontece com a morte dos pais de Miramar, o mar, com o seu ritmo constante ditado pelas marés, adquire também todo um novo poder investido pela metáfora. Mas “Miramar” é ainda o nome de um cinema cuja fachada vemos no filme, e é uma referência que Bressane vai buscar à literatura, a *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, uma obra que rima com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, adaptado por Bressane ao cinema dez anos antes. Dois livros que são exibidos em vários momentos do filme, juntamente com *Reflexões de um Cineasta*, de Sergei M. Eisenstein.

Miramar é assim tratado por Bressane como um órfão que começa a organizar a sua existência através da arte e do cinema – estuda, lê, ouve, escreve, experimenta e falha –, pelo que o filme aborda, antes de mais, a educação sentimental e a formação intelectual de um jovem, um tema querido à literatura desde a antiguidade. Como dirá Bressane, *O Príncipe* (de Maquiavel), *Emílio, ou Da Educação* (de Rousseau), e *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (de Goethe), são apenas alguns exemplos dos numerosos casos da literatura ocidental que abordam esta questão, apontando assim para o universo de um filme em que, mais uma vez, a literatura tem um lugar fundamental. Ao debruçar-se sobre o processo de educação deste jovem cineasta, Bressane recorre a versos de Camões e de muitos outros poetas, a imagens filmadas por Eisenstein, a chanchadas, e a diálogos de filmes como **The Searchers**. A poesia de Camões é dada a conhecer a João Miramar (João Rebello) por uma das várias mulheres com que este se cruza nos vários locais icónicos do Rio de Janeiro por onde circula, uma professora de literatura (Bia Nunes).

**Miramar** pertence a uma fase da obra do cineasta, cujo início podemos localizar nos anos 80, em que começa a incorporar nos seus filmes não só a música, já muito presente nos trabalhos anteriores, mas também a literatura, a filosofia e a pintura, o que contribuirá para uma cada vez maior heterogeneidade. Momento em que abandona um experimentalismo mais livre de **O Anjo Nasceu** ou de **Memórias de Um Estrangulador de Loiras** para se centrar na construção de imagens fortemente estruturadas, mas não menos “marginais”, associadas a textos assumidamente literários, presentes em filmes como **Miramar** mas também em **Cinema Inocente**, **Tabu**, **Brás Cubas** ou **O Mandarin**. **Miramar** é assim um filme que, de forma magistral, atravessa a literatura, a filosofia, a poesia, a música, a pintura e o cinema, centrando-se na tradução destas várias linguagens. Mas **Miramar** regressa também aos primeiros filmes de Bressane, não só porque convoca algumas das suas imagens, que interrompem o fluxo do filme, como a poderosa sequência de **A Família do Barulho** em que Helena Ignez sangra da boca, ou uma cena de **O Anjo Nasceu**, mas também pela forma como dá primazia ao trabalho da fotografia e da composição, minimizando a esfera da acção (num cinema em que ela é sempre rarefeita ou fragmentada).

“O que será um cineasta? O que será a música da luz?”, pergunta Bressane a propósito de **Miramar**, citando Abel Gance. A resposta está no próprio filme e na belíssima fotografia que acompanha a trajetória de Miramar, pois as imagens de **Miramar** são as imagens de formação de um jovem cuja adolescência é encarada não apenas como um momento de passagem e de experimentação, mas como um momento possuidor da sua própria perfeição. “O meu filme é moderado”, afirma Miramar. “Nada moderado é bom! O pecado vale a pena, *Miramar*”, replica uma das suas educadoras. Palavras que fazem todo o sentido quando pensamos na imobilidade de Miramar, contrariando o peculiar movimento invertido da cidade, ou no soberbo plano fixo das duas raparigas de costas a olhar o mar, um quadro

admirável que será recuperado vários anos depois em **A Erva do Rato**.

Joana Ascensão